

Agora, é Quércia pra cá e Almino pra lá.

Por ter votado em Waldir Pires na convenção do PMDB, o vice-governador ganhou dois inimigos em sua caminhada ao governo do Estado em 1990: Quércia e Ulysses.

Os respingos do resultado da convenção nacional do PMDB que ungiu Ulysses Guimarães candidato à Presidência da República atingiram, fatalmente, o governo paulista. Suas consequências, a médio prazo, poderão refletir sensivelmente na escolha do candidato à sucessão do governador Orestes Quércia. E o peso do candidato Ulysses Guimarães será enorme, ganhe ele ou perca a eleição presidencial deste ano.

Quércia, carregando Ulysses pelo braço até a vitória no primeiro turno, quis vender a imagem de leal ao compromisso assumido com o eterno presidente do PMDB. Se vendeu para todos não se sabe. Mas como lucro se transformou no "grande eleitor" e seguramente o único padrinho possível da candidatura Ulysses. E, de quebra, aquele que não prejudicou a busca da unidade do partido. Já o seu vice, Almino Affonso, depois de documentar sua rebelião destinando seus votos ao governador baiano Waldir Pires, negou-se a cumprir a orientação do governador Quércia. E ficou com a pecha de vilão da história.

Para Quércia, a atitude de Almino foi uma "tremenda besteira". Os dois não têm um bom relacionamento desde que chegaram ao poder. Quércia "poda" as articulações do vice ou então usa as manobras engendradas por ele, mas deixa Almino de fora. Foi o caso da aproximação com os empresários de São Paulo; da coalizão de vices e governadores pró-candidatura Quércia, e até mesmo a articulação da Mesa da Assembleia Legislativa. Hoje, não tem mais volta. Se Quércia "poda" Almino, o vice mostrou que cansou e também está "podando" Quércia. E nesse jogo de braço-de-ferro Almino cometeu um erro de avaliação de forças que antecipa o confronto e pode lhe valer a perda da indicação para governador ou para uma cadeira no Senado.

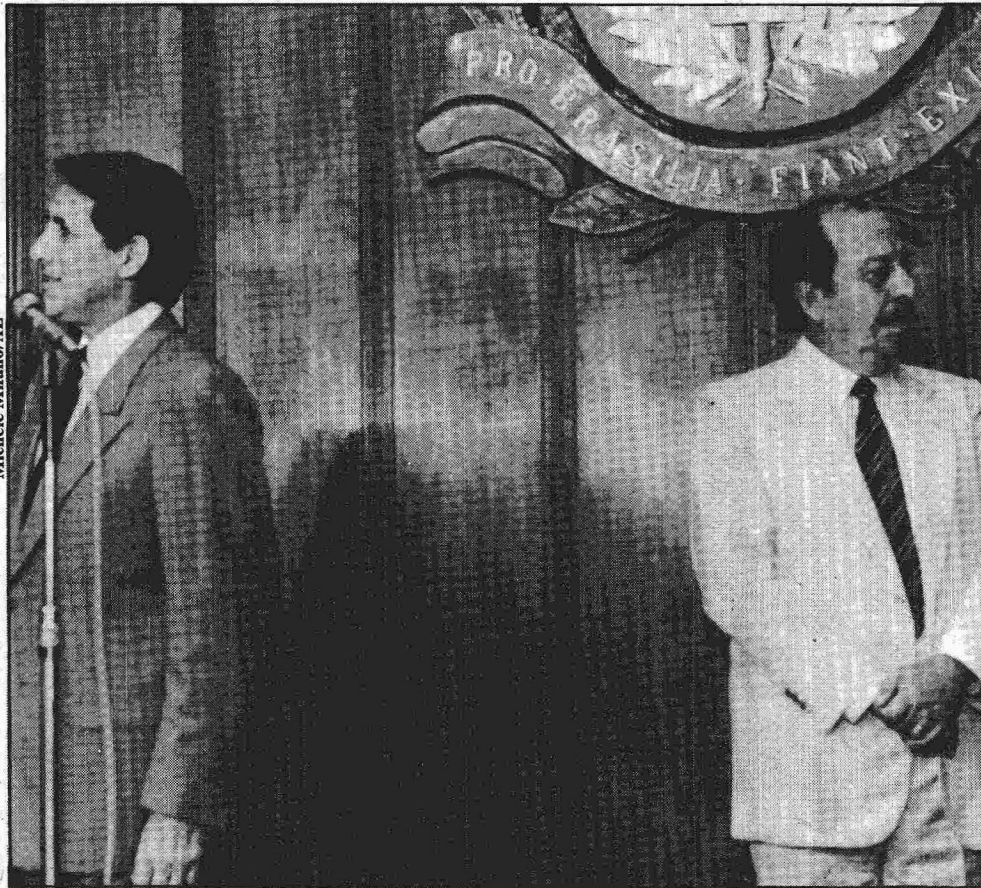
Por isso, a história do Almino "vilão" não é bem assim. Não há mecanicismo nem maniqueísmo em política. Todos sabiam que o vice-governador paulista iria votar no seu amigo Waldir Pires. Declarar isso publicamente e puxar votos para o governador baiano passou para alguns como oportunismo (afinal, Waldir estava na crista da onda). Além do mais, o apoio público ao amigo só veio "depois que a carruagem de Quércia virou abóbora", como disse o governador gaúcho Pedro Simon. Mas outros consideraram a atitude como ato de lealdade.

O gesto de Almino vai lhe custar caro. Afinal, a rebelião do seu grupo, que eclodiu no Hotel Saint Paul, em Brasília, durante reunião com Ulysses Guimarães, atingiu o velho líder profundamente, tanto mais que a porta-voz dos alministas para dizer "verdades" ao ainda candidato a candidato foi a cunhada do vice-governador paulista.

E como já corre à boca pequena que o candidato ideal de Quércia à sua sucessão não é Almino, mas o seu secretário da Saúde, José Aristodemo Pinotti (que desfilava na convenção de Brasília com ares de candidato), tudo vai depender do atual vice se comportar bem daqui para a frente. Porque ele já não conta mais com os apoios de Quércia e de Ulysses, que se sentiu ferido com o apoio de Almino a Waldir.

O vice vai ter, a partir de agora — dizem quercistas e alministas — que desempenhar um grande trabalho junto às bases do partido, tanto na Capital como no Interior, enfrentando a habilidade de Quércia, que domina a maioria dos diretórios peemedebistas. O jogo vai ser aberto e a sorte de Almino está lançada. Se ele perder, seu projeto político ficará truncado e, em vez de candidato a governador ou senador, ganhará apenas o prêmio de consolação de uma candidatura a deputado, sem apoio da máquina, na eleição do ano que vem.

João Sampaio, enviado especial.



Quércia e Almino: mau relacionamento desde o começo do governo.